



APONTAMENTOS SOBRE AS DIALÉTICAS DO DISCURSO, DA LEITURA E A INTERPRETAÇÃO EM PAUL RICOEUR *

Notes on the dialectics of discourse, reading, and interpretation in Paul Ricœur

Jaqueline Stefani **

Thamires Griebler ***

Resumo: Objetiva-se apresentar o conceito de interpretação em Paul Ricœur. Para tanto, são analisadas as três dialéticas que sustentam o conceito de interpretação, a saber: a dialética do discurso, composta pelo evento/acontecimento (tese) e pela significação (antítese); a dialética da leitura, composta pela apropriação (tese) e pela distanciação (antítese); e, por fim, a dialética da interpretação, composta pela compreensão (tese) e pela explicação (antítese). A hipótese de leitura defendida neste artigo é que, de um lado, as três teses das três dialéticas - a saber, evento, apropriação e compreensão - se interrelacionam de modo fundamental, tanto quanto as três antíteses - a saber, significação, distanciação e explicação -, sendo tal interrelação necessária à própria possibilidade de alargamento e enriquecimento interpretativo, tal como proposto pela hermenêutica ricœuriana.

Palavras-chave: Hermenêutica. Paul Ricœur. Interpretação. Leitura. Discurso.

Abstract: The objective is to present the concept of interpretation in Paul Ricœur. To do so, the three dialectics that support the concept of interpretation are analyzed: the dialectic of discourse, composed of event/occurrence (thesis)

* Artigo recebido em 29.06.2024 e aprovado para publicação em 03.10.2024.

** Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: jaquelinestefani@yahoo.com.br.

*** Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: tgriable@ucs.br.

and meaning (antithesis); the dialectic of reading, composed of appropriation (thesis) and distancing (antithesis); and finally, the dialectic of interpretation, composed of understanding (thesis) and explanation (antithesis). The reading hypothesis defended in this article is that, on one hand, the three theses of the three dialectics - namely event, appropriation, and understanding - interrelate in a fundamental way, just as the three antitheses - namely meaning, distancing, and explanation - interrelate. Such interrelation is necessary for the very possibility of broadening and enriching interpretation, as proposed by Ricœur's hermeneutics.

Keywords: Hermeneutics. Paul Ricœur. Interpretation. Reading. Discourse.

Introdução

A proposta deste artigo é apresentar o conceito de hermenêutica em Paul Ricœur de maneira introdutória e sintética, seguindo o caminho apresentado pelo filósofo francês em *Teoria da interpretação*,¹ *Do texto à ação*² e *Interpretação e ideologia*,³ em que a teoria hermenêutica se estrutura sobre o par dialético da compreensão e da explicação. Para compreender a interpretação, contudo, é necessário entender a dialética da leitura, formada pelo par apropriação e distanciamento. Por fim, para compreender a leitura, é preciso analisar o discurso em sua relação dialética entre evento e significação. Temos, portanto, três dialéticas operadas por Ricœur (do discurso, da leitura e da interpretação) que se relacionam por seus pares de oposição. Nossa hipótese de leitura é que as três primeiras instâncias de cada dialética (evento, apropriação e compreensão) se aproximam, assim como se aproximam as três instâncias das oposições (significação, distanciamento e explicação). Tais aproximações fazem com que se amplie o horizonte de interpretação de cada uma dessas instâncias quando tomadas em conjunto com as demais. Assim, o conceito de compreensão é ampliado quando complementado pelo de apropriação e pelo de evento, tanto quanto o de explicação, pela distanciamento e pela significação.

No intuito de trilhar o percurso hermenêutico ricœuriano, faz-se necessário compreender a hermenêutica romântica, especialmente aquela proposta por Schleiermacher, para quem a compreensão de um texto era entendida como a compreensão da intenção do autor por trás da obra, em um esforço por apreender o que o autor quis dizer. Contra tal concepção psicológica, a compreensão, com Ricœur, passa a supor uma autonomia produtiva do

¹ RICCEUR, P. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 2019.

² RICCEUR, P. *Du texte à l'action – essais d'herméneutique II*. France: Éditions du Seuil, 1986.

³ RICCEUR, P. *Interpretação e ideologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

texto em relação ao seu autor. Tal autonomia torna possível que a obra abra um mundo. Esse mundo é apropriado pelo leitor por meio de uma relação de pertença e distanciamento, de familiaridade e de estranhamento, não na tentativa de encontrar um sentido que estaria escondido no texto, mas no desvelamento dos mundos possíveis que o texto indica.

1. Primeira dialética: o discurso como evento e significação

A proposta de Ricœur, no que tange à noção de discurso, é que ela deve ser compreendida por meio da relação entre os dois polos que a constituem: o evento e a significação. Evento e significação são características do discurso, as quais ele analisará dialeticamente, propondo a superação (*Aufhebung*) do evento pelo sentido. O sentido é o próprio conteúdo proposicional, ao passo que o evento é o fato de o discurso se efetuar em uma instância específica, na qual um “eu” fala a um “tu”. O sentido supera o evento, e isso é uma característica do próprio discurso, exatamente porque o que interessa é a significação enquanto algo que perdura, e não a transitoriedade do evento. Assim, ainda que um discurso ocorra sempre como evento, ele só pode ser compreendido como significação. A significação remete ao que a frase denota.

O mundo da obra pode sempre se destacar de seu contexto para, então, se recontextualizar, se atualizar em uma situação nova a cada leitura. Dessa forma, o discurso escrito, a obra, torna possível a emancipação e a democratização do conhecimento. O texto supera a situação particular do discurso falado, pois “qualquer presente pode ter acesso ao transmitido e, assim, alargar seu horizonte e enriquecer seu mundo com novas dimensões. A escrita realiza a transcendência do sentido acima da contingência histórica que o gerou”.⁴

Os atos de fala propostos por Austin ajudam a compreender a dialética de Ricœur entre evento e sentido, na medida em que os atos performativos implicam um fazer no dizer: “ao dizer ‘prometo’, ele promete efetivamente, isto é, coloca-se sob a obrigação de fazer o que diz que há de fazer. O ‘fazer’ do dizer pode ser comparado ao polo acontecimental na dialética do discurso e da significação”.⁵ A escrita possibilita que se fixe a exteriorização intencional do discurso. Assim, o ato locutório — aquilo que se diz — tem sua exteriorização na própria proposição; o ilocutório

⁴ OLIVEIRA, M. A. de. *A reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 223.

⁵ RICŒUR, *Teoria da interpretação*, p. 27.

— o que se faz ao dizer — tem sua exteriorização por meio de marcas linguísticas, como o imperativo, o verbo na primeira pessoa do indicativo etc.; o perlocutório — o efeito produzido pelo que é dito — é visto por Ricœur como aquele que menos se deixa inscrever no texto.

Na busca por compreender a dialética ricœuriana entre evento e sentido, é necessário analisar a crítica feita por Ricœur à hermenêutica romântica, notadamente à pretensão proposta por essa corrente, de que a compreensão de um texto deve sempre ser dirigida à vida psíquica intencional de seu autor.

1.1 Problemas e soluções da hermenêutica romântica

Com Dilthey e Schleiermacher, a hermenêutica romântica tomou como sua tarefa primordial a noção de que compreender um texto é compreender o autor por trás do texto. A necessidade de acessar as intenções ocultas do autor do texto era a pedra de toque das ciências do espírito. Assim, havia a necessidade de se identificar com o autor, buscando compreender a intenção psíquica originária da obra, com o intuito de reviver a experiência vivida pelo autor para compreender seu sentido. Como afirma Ricœur: “A obra de Dilthey, mais ainda que a de Schleiermacher, revela a aporia central de uma hermenêutica que coloca a compreensão do texto sob a lei da compreensão de um outro que se expressa nele”.⁶ A pergunta central nesse contexto é: o que o autor quis dizer quando disse isso?

Para a hermenêutica romântica, a grande questão seria eliminar ou suspender a distância temporal, geográfica, cultural etc., que separa um intérprete da obra. Uma compreensão objetiva e correta implicaria o deslocamento do intérprete para o contexto da produção da obra.

Friedrich Schleiermacher é, em geral, apresentado como tendo revolucionado o campo da hermenêutica, transformando-a em uma ciência da compreensão que poderia servir a qualquer tipo de obra, não apenas aos textos bíblicos, mas a qualquer texto ou obra de arte em geral. Schleiermacher desenvolve uma ciência hermenêutica cuja tarefa primordial é desfazer os mal-entendidos, tornando-se imprescindível sempre que uma compreensão imediata não ocorre. Nessa linha teórica, compreender é chegar a um entendimento comum, a um acordo sobre algo, o que, em geral, ocorre tanto com um texto quanto em um diálogo com outrem. Contudo, quando há um estranhamento do intérprete em relação ao texto, a hermenêutica

⁶ “L’ouvre de Dilthey, plus encore que celle de Schleiermacher, porte au jour l’aporie centrale d’une herméneutique qui place la compréhension du texte sous la loi de la compréhension d’un autrui qui s’y exprime”. (RICŒUR, *Du texte à l’action*, p. 95).

se torna uma tarefa imperiosa. Essa tarefa buscará sempre chegar a um acordo e, para tal, é necessário percorrer o caminho inverso, do discurso à coisa mesma. Para Schleiermacher, porém, a coisa mesma se encontra no momento da criação da obra, no modo como ela foi originariamente pensada pelo seu criador: “o verdadeiro problema da compreensão aparece quando o esforço de compreender um conteúdo coloca a pergunta reflexiva de como o outro chegou à sua opinião”.⁷ A compreensão, nesse sentido, requer que se reconheça historicamente o espírito do autor, que se suprimam os próprios preconceitos do intérprete, para que se busque o que o autor tinha em mente sempre que surgirem elementos incompreensíveis no texto.

Com Schleiermacher, a hermenêutica passa a ser uma arte de evitar ou resolver mal-entendidos por meio de um conjunto de regras gramaticais e, principalmente, psicológicas, em que importam não apenas o sentido literal das palavras, mas também as intenções do autor. Tais intenções poderiam ser acessadas por uma espécie de atividade divinatória, cabendo ao intérprete a tarefa hercúlea de transferir-se para a alma do autor, no intuito de compreender a elaboração da obra em uma revivência do ato criador. O caminho hermenêutico, portanto, deveria retroceder do texto à gênese da obra. Assim, compreender é reconstruir o movimento criativo do autor: “a compreensão torna-se, portanto, o inverso da composição: seu ponto de partida é o fixo e finito, e seu objetivo é a vida mental na qual o finito surgiu”.⁸

A tarefa da hermenêutica romântica, portanto, seria a de compreender as intenções do autor. Isso ocorre porque, segundo Schleiermacher, a compreensão supõe um movimento reconstutivo da obra que se deseja compreender, e nesse processo o intérprete acaba por tornar conscientes elementos que, para o próprio autor no momento da criação, não eram conscientes. Dessa forma, *compreender um autor melhor do que ele mesmo* só é possível devido à distância temporal. Sobre isso, Gadamer traz um exemplo interessante, afirmando que quem compreende um texto em um idioma diferente do seu “deverá adquirir uma consciência expressa das regras gramaticais e da forma de composição desse texto, recursos de que o autor lançou mão sem se dar conta, porque mora nessa língua e em suas mediações técnicas”.⁹

Nessa esteira, a noção de gênio — e tudo o que ela carrega no romantismo — se faz imprescindível, como aquele que cria padrões e regras: compreender uma obra é um ato de congenialidade; é transformar-se em outro para apreender sua individualidade. Interessa aqui retomar o

⁷ GADAMER, H.-G. *Verdade e Método I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 249.

⁸ ALBERTI, V. A existência na história: revelações e riscos da hermenêutica., in *Estudos históricos* — Historiografia, Rio de Janeiro, v. 9, nº 17, p. 31-57, 1996, p. 8.

⁹ GADAMER, *Verdade e Método I*, p. 264.

mote hermenêutico da compreensão entre todo e parte, individualidade e universalidade, pois, para que se possa reconstruir o movimento criativo do autor, é necessário entrar no círculo hermenêutico “pelo qual o todo fornece o sentido às partes e vice-versa. Em uma frase, por exemplo, compreende-se o sentido de uma palavra na medida em que tomamos sua relação com toda a frase; inversamente, compreende-se o sentido da frase na medida em que compreendemos o sentido das palavras”.¹⁰

2. Segunda dialética: a leitura como apropriação e distanciamento

A proposta ricœuriana, frente à pretensão da hermenêutica romântica, é que, ao compreender um texto, os esforços não devem ser guiados na direção do autor, de sua vida psíquica intencional, mas sim na busca do sentido que a própria obra abre e revela. Assim, compreender requer que o movimento de procura pelas intenções do autor seja deslocado para o movimento de busca pelo sentido da própria obra. A intenção do autor se separa do significado do texto quando o discurso é escrito. É no próprio discurso que se pode encontrar o significado, pois ele contém a exteriorização intencional. A escrita outorga ao discurso sua autonomia em relação às intenções de seu autor. Enquanto o discurso vivo é sustentado pelo sujeito que o profere, o discurso que se torna obra é independente do autor.

Contudo, Ricœur não abandona simplesmente a noção de interpretação psicológica de Schleiermacher. Aqui, o filósofo francês também opera dialeticamente entre uma teoria intencional, em que a compreensão se sustenta na compreensão da intenção do autor, e uma teoria do texto absoluto, em que se toma o texto como independente de seu autor. A diferença na proposta ricœuriana, em relação à hermenêutica romântica, é que a compreensão intencional será buscada no próprio texto, em traços gramaticais, e não em uma vida psíquica estranha.

O texto é autônomo em três sentidos, segundo Ricœur:¹¹ no que tange à intenção original do autor, à situação cultural, histórica e sociológica da escrita do texto, e ao destinatário original. A autonomia significa a inevitável condição que a obra tem de ir além de sua singularidade, de se descolar de seu autor, de suas raízes e de sua história, podendo, desse modo, ser lida e compreendida por quem souber, quizer e puder ler:

[...] ao criar o papel do leitor, o escritor decreta também a morte do escritor, pois, para que um texto fique pronto, o escritor deve se retirar [...]

¹⁰ ALBERTI, A existência na história, p. 9.

¹¹ Cf. RICŒUR, *Interpretação e ideologia*.

a existência do texto é silenciosa, silenciosa até o momento em que um leitor o lê. Somente quando olhos capazes fazem contato com as marcas na tabuleta é que o texto ganha vida ativa.¹²

O que caracteriza o encontro entre leitor e obra é exatamente a imprevisibilidade, a falta de controle e de domínio sobre o que será proposto pela obra. O mundo que a obra abre é diferente para cada leitor e sempre imprevisível. O único pressuposto dessa abertura é que se saiba ler. Assim, as interpretações, em sua diversidade, são possíveis graças à “abertura da linguagem a múltiplos sentidos e o facto de o texto ser também uma abertura a uma diversidade de sentidos; é a riqueza do texto que nos conduz para além dos limites de referência aos quais a situação faz apelo”.¹³

O conceito de apropriação é importante na teoria hermenêutica de Ricoeur e nada tem a ver com o conhecimento biográfico do autor, nem com empatia ou afinidade entre o leitor e a intenção do autor. Isso porque a compreensão é a compreensão do sentido, e o sentido deve ser buscado no texto, e não na vida do autor. Apropriar-se é tornar seu o que antes era alheio, resgatando a herança cultural do passado. Ler é atualizar o significado textual, tornando contemporâneo e semelhante o que antes era estranho. Enquanto ato de apropriação, ler é atualizar o sentido do texto em um mundo que ele desvela.

Por outro lado, a distância temporal que separa um leitor de uma obra surge como algo positivo para a compreensão, diferentemente do que propõe a hermenêutica romântica. A distância temporal é uma condição de possibilidade da compreensão, e não um obstáculo a ser superado. Assim, a ficção pode eclipsar a referência e libertar a imaginação para novos modos de ser no mundo: o texto é comunicação à distância e revela o traço essencial da finitude humana.

O evento particular e fugidio da oralidade, sempre dependente de um aqui (espaço) e agora (tempo), em uma instância particular e específica, é superado pela emancipação do texto escrito, que traz a possibilidade de se abrir a novas realidades, suspendendo a referência à realidade cotidiana, comum e costumeira. Trata-se de uma suspensão da referência de primeira ordem, para que novas referências possam se apresentar:

[...] o discurso poético, dizíamos nós, é aquele no qual a *epoké* da referência ordinária é a condição negativa da manifestação de uma referência de segundo nível. Ao que acrescentávamos: essa manifestação é regulada pelo poder de redescritção ligado a certas ficções heurísticas, à maneira dos modelos da ciência.¹⁴

¹² MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 207.

¹³ TAVARES, M. Paul Ricoeur e um novo conceito de interpretação: da hermenêutica dos símbolos à hermenêutica do discurso, in *Veritas*, Porto Alegre, v. 63, n. 2, maio-ago., 2018, p. 436-457, aqui p. 455.

¹⁴ RICŒUR, P. *A metáfora viva*. 2ª. Edição. Porto: Rés, 2005, p. 476.

A metáfora é o que nos mostra mais claramente essa relação entre uma referência que é suspensa e outra que é manifestada, pois o sentido metafórico surge exatamente quando o sentido literal é apagado:

Efetivamente, é na simbolização que atua o desejo de ser e se exprime o poder de produção e invenção que abre ao homem o espaço e o horizonte do possível. É na simbolização, afinal, que atua o poder mítico-poético da imaginação humana como força produtiva e, simultaneamente, a capacidade projetiva que define, até certo ponto, a liberdade humana.¹⁵

A noção gadameriana de fusão de horizontes seria parte da resposta ricœuriana à dialética entre apropriação e distanciamento, no sentido de que compreender um texto supõe um encontro entre o horizonte histórico do texto e o horizonte histórico do intérprete. Esse encontro possibilita, a cada vez, que o horizonte do intérprete seja alargado e enriquecido: “Devemos a Gadamer essa ideia muito fecunda segundo a qual a comunicação à distância entre duas consciências diferentemente situadas faz-se em favor da fusão de seus horizontes, vale dizer, do recobrimento de suas visadas sobre o longínquo e sobre o aberto”.¹⁶

Há, contudo, que se conciliar as ideias de pertencimento histórico e de distanciamento, o que ocorre ao se tomar pertencimento e distanciamento como condições inerentes à história.¹⁷ É por haver essa fusão de horizontes que a distanciamento pode ser percebida tanto como constitutiva do fenômeno do texto escrito quanto como condição de sua interpretação, sendo, ao mesmo tempo, aquilo que se deve vencer e aquilo que condiciona o próprio discurso. Por não haver mais um instante compartilhado entre escritor e leitor, como há em uma situação de diálogo, a referência à realidade comum é eliminada.

É com Gadamer que a noção de círculo hermenêutico aparece como princípio de toda a compreensão, em que a tarefa é ampliar os círculos concêntricos entre o todo e as partes. Nesse círculo, o critério para se estabelecer se uma compreensão é correta ou não dependerá de cada parte concordar com o todo. Uma compreensão incorreta ou malograda resulta da inexistência dessa concordância. Além disso, é indiscutível, tanto para Gadamer quanto para Ricœur, que se deve abandonar a interpretação subjetiva de Schleiermacher, com sua noção de compreender a vida espiritual do autor, suas intenções etc. À hermenêutica interessa compreender o sentido comum do texto, buscando um acordo em relação à coisa, e não apreender a alma do autor: “É tarefa da hermenêutica esclarecer o milagre da compreensão, que não é uma comunicação misteriosa entre as almas, mas a participação num sentido comum”.¹⁸

¹⁵ TAVARES, Paul Ricœur e um novo conceito de interpretação, p. 441.

¹⁶ RICŒUR, *Interpretação e ideologia*, p. 41.

¹⁷ Cf. SALLES, W. Paul Ricoeur e a hermenêutica de si no espelho das palavras, in *Utopia y Praxis Latinoamericana*, Maracaibo, v. 14, n. 47, 2009, p. 41-58.

¹⁸ GADAMER, H.-G. *Verdade e Método II*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 73.

Analogamente ao sentido de uma palavra, que é sempre compreendida em relação à frase, um conceito só pode ser compreendido em relação ao seu contexto ou horizonte. Nesse sentido, há um movimento circular da compreensão, por meio do qual advém o próprio sentido. Gadamer, contudo, reconhece a herança heideggeriana na estrutura circular da compreensão: a noção de que compreender requer uma projeção de sentido. Não há forma de compreensão ou interpretação que não ponha em jogo a totalidade dessa estrutura existencial: o *ser-lançado* e o *pro-jeto*, ou, em outras palavras, o passado e o futuro do sujeito que compreende: “Toda interpretação, ademais, se move na estrutura prévia já caracterizada”.¹⁹ A interpretação sempre se move naquilo que já é compreendido, e disso ela mesma se alimenta. O intérprete

[...] projeta de antemão um sentido do todo, tão logo se mostre um primeiro sentido no texto. Esse primeiro sentido somente se mostra porque lemos o texto já sempre com certas expectativas, na perspectiva de um determinado sentido. A compreensão daquilo que está no texto consiste na elaboração desse projeto prévio, que sofre uma constante revisão à medida que aprofunda e amplia o sentido do texto.²⁰

Por isso, não há como suspender a historicidade do intérprete em uma interpretação supostamente objetiva; ao contrário, deve-se entrar nesse círculo hermenêutico de compreensões. Os próprios conceitos prévios são as condições de possibilidade de uma interpretação mais originária.

Assim, em Gadamer, a compreensão parte de pressuposições que devem ser trazidas à consciência durante a leitura, para que possam ser revisadas, reformuladas, trocadas ou, simplesmente, endossadas criticamente. A distância temporal e a consciência histórica possibilitam que o intérprete distinga os preconceitos autênticos dos falsos, responsáveis pelos mal-entendidos. As concepções prévias são vistas, assim, como princípio do processo hermenêutico. Conseguir trazer tais concepções à tona durante a compreensão e separar as autênticas das inautênticas faz com que o intérprete não seja guiado por concepções enganosas. Por isso, é necessário submetê-las constantemente à crítica.

No encontro entre leitor e obra, deve haver uma fusão de horizontes em um movimento circular entre o horizonte do leitor — a subjetividade e a intenção prévia, por um lado — e o horizonte do texto — a objetividade, a “coisa mesma”, por outro — pois o texto pertence a um contexto histórico, em geral, diferente do leitor. Esse modo de conceber a tarefa hermenêutica difere, portanto, da concepção de Schleiermacher, para quem o leitor deveria transportar-se para uma consciência estranha, a do autor do texto, sem levar consigo sua própria consciência histórica. Essa fusão de horizontes é responsável por um alargamento da compreensão.

¹⁹ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Parte I. 12ª. Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 209.

²⁰ GADAMER, *Verdade e Método II*, p. 75.

3. Terceira dialética: a interpretação como compreensão e explicação

Compreender é um ato de síntese, em que se reúne em um todo, de uma só vez, a cadeia dos sentidos parciais. A compreensão se dirige sempre à unidade intencional. Contudo, não se trata aqui da intenção do autor, que deveríamos buscar psiquicamente, mas sim da unidade intencional expressa e codificada no próprio discurso. A superação da intenção do autor pelo sentido do texto significa que a compreensão ocorre no âmbito revelado pelo próprio texto. A intenção do autor “é-nos, muitas vezes, desconhecida, por vezes redundante, às vezes inútil e, outras vezes, até prejudicial no que toca à interpretação do sentido verbal de sua obra”.²¹

Pode-se compreender um texto sob vários pontos de vista, mas nunca de todos ao mesmo tempo. Compreender uma frase “x” em relação a uma frase “y” pode dar um sentido bem diferente do que se tomássemos a frase “x” em relação à frase “z”, por exemplo. A compreensão, portanto, sempre tem um caráter de perspectivismo.

Quando o texto se torna obra, objeto da hermenêutica, ele requer três condições essenciais: a disposição de suas partes de determinado modo em uma totalidade finita e fechada, a inclusão de sua escrita em um gênero literário (poema, ensaio etc.) e a caracterização de um estilo singular, assimilado a um indivíduo (autor):

Interpretar uma obra é desvendar o mundo ao qual ela se refere, em virtude de sua “disposição”, de seu “gênero” e de seu “estilo”. [...] A essa busca quase sempre impossível, sempre frustrada [da hermenêutica romântica], de uma intenção dissimulada atrás da obra, oponho uma busca que se dirige ao mundo desvelado diante da obra.²²

A ficção possibilita o acesso do leitor a uma referência de segundo nível, permitindo que a hermenêutica encontre seu problema mais fundamental. Assim, “se não podemos definir a hermenêutica pela procura de um outro e de suas intenções psicológicas [...] o que permanece para ser interpretado? Responderei: interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto”.²³

O polo oposto ao da compreensão, na dialética da interpretação proposta por Ricœur, é o da explicação. Ele é oposto por ser de cunho mais metodológico, visando à validação da conjectura inicial proposta pela compreensão. A explicação busca sempre a objetividade da significação, expressa

²¹ RICŒUR, *Teoria da interpretação*, p. 107.

²² RICŒUR, *A metáfora viva*, p. 337.

²³ RICŒUR, *Interpretação e ideologia*, p. 56.

pela exteriorização do discurso. O exemplo dado por Ricœur²⁴ é o estudo estrutural do mito de Lévi-Strauss, em que a interpretação de um mito deveria ser o resultado da aplicação de uma estrutura, onde o sentido não é o que “o mito significa, enquanto conteúdo ou intuição filosófica ou existencial, mas sim o arranjo ou disposição dos próprios mitemas, a estrutura do mito.” Na estrutura proposta por Lévi-Strauss, o mito deveria ser categorizado em: a) relação de parentesco sobreavaliada; b) relação de parentesco subavaliada; c) monstros; e d) nomes. Um exemplo de relação de parentesco sobreavaliada é “Édipo desposa Jocasta, sua mãe” ou “Antígona sepulta Polinice, seu irmão.”

A genialidade do autor era o traço pressuposto pela hermenêutica romântica, de modo que compreender significava um movimento, por parte do intérprete, de tentar se igualar a essa genialidade, tornando-se contemporâneo dela. Com as noções de distanciamento, pela escrita, e de objetivação, pela estrutura da obra, a proposta de Ricœur²⁵ para a interpretação se encontra na noção de “mundo do texto”, um ponto intermediário entre o estruturalismo e o romantismo.

Para Ricœur,²⁶ a interpretação é o próprio jogo que ocorre entre a explicação e a compreensão, não sendo um estado definitivo, mas algo dinâmico que se expande a cada leitura, levando o leitor de uma compreensão ingênua do texto a uma compreensão sofisticada e crítica. Para que isso ocorra, o filósofo ressalta a importância da fase explicativa do processo, pois é ela que dá suporte a esse movimento de avanço em relação ao estágio da leitura, sendo a mediação entre dois estágios da compreensão.

Como no texto escrito não é mais possível entrar em contato com as intenções do autor, o leitor torna-se responsável por fazer conjecturas baseadas na obra que se apresenta diante de si. Como afirma Ricœur:

Mas a literatura, no sentido etimológico da palavra, explora indefinidamente essa falha e cria uma situação totalmente diferente daquela da compreensão dialogada. A leitura não é mais simplesmente uma escuta. Ela é regulada por códigos comparáveis ao código gramatical que guia a compreensão das frases.²⁷

Nesse sentido, Ricœur afirma que o ato de compreender vai além de simplesmente repetir ou tentar reproduzir o evento do discurso; a compreensão está relacionada com a criação de um novo evento por parte do leitor.

²⁴ RICŒUR, *Teoria da interpretação*, p. 116.

²⁵ Cf. RICŒUR, *Interpretação e ideologia*.

²⁶ Cf. RICŒUR, *Teoria da interpretação*.

²⁷ “Mais la littérature, au sens étymologique du mot, exploite indéfiniment cette faille et crée une situation toute différente de celle de la compréhension dialoguée. La lecture n’est plus simplement une écoute. Elle est réglée par des codes comparables au code gramatical qui guide la compréhension des phrases”. (RICŒUR, *Du texte à l’action*, p. 184).

Assim, o ponto de partida desse novo evento se dá pela objetivação do discurso inicial na obra — o texto escrito —, propondo um sentido como uma conjectura. Esse sentido verbal não é construído a partir da mera junção de frases singulares, mas de modo holístico, como um todo. Dessa forma, interpretar “passa a ser o jogo dialético entre a análise estrutural do texto e a compreensão deste texto”.²⁸

O todo da obra se relaciona com as partes individuais e vice-versa, formando um processo circular em que, a cada leitura, a obra discursiva vai sendo reconstruída a partir de uma junção específica das partes menores, enquanto estas vão sendo reconstruídas a partir da compreensão do todo. A escolha sobre como a união dos pormenores se dá e sobre como a arquitetura do texto vai sendo reconstruída pelo leitor é, em si, uma conjectura: tal união é sempre uma reconfiguração que supõe uma perspectiva, um ponto de vista, um recorte do leitor. Dessa forma, uma frase pode adquirir diferentes sentidos, dependendo de quais outras frases são mobilizadas para se relacionarem com ela na compreensão.

Partindo desse ponto de vista conjectural, o texto é construído como indivíduo e possui características subjetivas que precisam ser validadas objetivamente, o que demanda a etapa da explicação. É justamente essa validação de uma interpretação textual que resulta em conhecimento científico. Contudo, essa dinâmica circular entre abordagens subjetivas e objetivas do texto não se encerra em si mesma, pois toda interpretação é passível de ser confrontada ou superada por outras perspectivas, visto que validação não é o mesmo que verificação, não sendo, portanto, uma conclusão definitiva.

Assim, após seguir o trajeto que vai da compreensão como conjectura à explicação como validação, Ricœur inverte o processo, retornando da etapa explicativa à de compreensão, trazendo à tona a dialética do sentido e da referência. Como, no texto escrito, não há uma situação comum entre escritor e leitor, não há possibilidade de se mostrar diretamente aquilo a que se faz referência, havendo, então, uma abstração da realidade. Tendo como base esse novo mundo aberto pelo texto escrito, o leitor tem a possibilidade de permanecer em suspensão, mantendo-se fora de qualquer realidade que o circunda, ou pode, por meio de sua imaginação, atualizar as referências do texto de acordo com a sua própria situação de leitor.

A primeira possibilidade de leitura leva o leitor para dentro do texto, interrompendo a possibilidade de contatar tanto o mundo do autor quanto a conexão com o mundo exterior; o texto se encerra em si mesmo. A partir dessa perspectiva, observando o objeto literário como um

²⁸ GARNICA, A. V. M. Considerações sobre a fenomenologia hermenêutica de Paul Ricœur, in *TRANS/FORM/AÇÃO: Revista De Filosofia Da Unesp*, 16, 43–52, 1993, p. 51.

sistema fechado de signos, é possível tratar os textos conforme as regras aplicadas pela linguística a esses sistemas finitos, promovendo interações entre seus próprios elementos — interações essas que definem a noção de estrutura na linguística moderna. Essa estrutura é justamente o que permite o desvelamento do sentido no texto, em sua relação não só com outros elementos do próprio texto, mas, fundamentalmente, com a totalidade da obra.

Em se tratando de textos literários, a análise estrutural permite uma descronologização da narrativa, abstraindo o tempo crônico dos acontecimentos narrativos e trazendo à tona o que o autor chama de lógica da ação, a qual consiste em conectar entre si unidades ou núcleos de ação, como promessa, ajuda, traição, separação etc. A partir desse transparecer estrutural, correlacionam-se os atores das ações: quem faz a promessa e quem a recebe; quem trai, quem é traído, quem recebe ajuda e assim por diante. Esses personagens não existem fora do texto, assim como o narrador e o interlocutor. Para a análise estrutural, apenas o que ocorre nas — e pelas — estruturas do texto é o que tem relevância. No entanto, a dinâmica entre explicação e compreensão não termina aqui.

Observando o exemplo citado anteriormente sobre o estudo estrutural do mito de Lévi-Strauss, fica claro que a categorização dos mitos e a disposição dos mitemas revelam uma estrutura de ações específicas, como desposar ou sepultar, ao mesmo tempo em que apontam situações-limite — situações que envolvem oposições acerca da morte e do nascimento, da sexualidade e da verdade, as quais dão sentido à existência dos mitos. O filósofo questiona: “poderíamos, então, dizer que a função da análise estrutural é levar-nos de uma semântica de superfície, a do mito narrado, para uma semântica de profundidade, a das situações-limite que constituem o ‘referente’ último do mito?”²⁹ Ele prossegue, concluindo que, se não fosse desse modo, a análise estrutural perderia seu sentido e se encerraria em si mesma, fazendo com que os mitos, por exemplo, não levassem a humanidade a se conscientizar sobre certas contradições existenciais, tampouco a refletir sobre as possibilidades de mediá-las.

O estudo sobre os mitos permite observar a etapa da explicação com clareza, para que se possa dar sequência à dinâmica dialética e retornar à compreensão, que está relacionada a uma interpretação crítica e aprofundada, orientada pela análise estrutural. Nesse sentido, a compreensão requer um processo de busca do sentido em direção à referência. Essa referência não ostensiva, que em nada diz respeito à intenção do autor ou à situação inicial do discurso, é a porta que abre o mundo do texto: um mundo revelado pela semântica de profundidade do próprio texto, explicitando seu sentido à frente, não por detrás, não oculto, mas descoberto

²⁹ RICCEUR, *Teoria da interpretação*, p. 121.

pelo leitor que, ao não encontrar uma referência ostensiva para aquilo que o texto diz, imagina, deparando-se com suas próprias possibilidades de ser no mundo:

[...] o significado de um texto não está atrás do texto, mas à frente dele. Não é algo escondido, mas algo que é descoberto-aberto. O que se dá a entender é o que aponta para um mundo possível, por meio das referências não ostensivas do texto. Os textos falam de mundos possíveis e de maneiras possíveis de se orientar nesses mundos.³⁰

Ler consiste em “viajar ao longo do texto, em deixar ‘afundar’ na memória, abreviando-as, todas as modificações efetuadas, e em se abrir para novas expectativas tendo em vista novas modificações. Só esse processo faz do texto uma *obra*”.³¹

As possíveis intenções do autor, como observa Pegino,³² podem ser interessantes a outros ramos da ciência ou da filosofia. Contudo, o que a hermenêutica ricœuriana enfatiza é que o texto já contém, registrado em si, suas próprias características semânticas objetivadas — incluindo as marcas estilísticas do autor — que permitem diferentes processos de interpretação e, conseqüentemente, de explicitações do ser. Nesse sentido, a genialidade do autor e a estrutura do texto, além de serem alternativas a serem transcendidas, formam a base na qual o leitor opera como intérprete.

Considerações finais

A hermenêutica ricœuriana embasa-se fundamentalmente na dialética entre compreensão e explicação. No entanto, para que esse par de conceitos possa ser compreendido, é necessário que outras dialéticas — também propostas pelo autor — sejam explicitadas.

A primeira dialética diz respeito à análise do discurso como evento e como significação. O discurso sempre ocorre como evento; porém, ele só pode ser compreendido como significação, na medida em que o evento é

³⁰ “Pour nous, le monde est l’ensemble des références ouvertes par les textes. [...] la signification d’un texte ne soit pas derrière le texte, mais en avant de lui. Ce n’est pas quelque chose de caché, mais quelque chose qui est découvert-ouvert. Ce qui se donne à comprendre, c’est ce qui pointe vers un monde possible, à la faveur des références non ostensives du texte. Les textes parlent de mondes possibles et de manières possibles de s’orienter dans ces mondes”. (RICŒUR, P. La métaphore et le problème central de l’herméneutique, in *Revue Philosophique de Louvain*, v. 70, 1972, p. 93-112, aqui p.107).

³¹ RICŒUR, P. *Tempo e narrativa 3: o tempo narrado*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 287.

³² PEGINO, P. M. F. Hermenêutica Ricœuriana e sua articulação nos estudos organizacionais, in *RAE*, São Paulo, v. 56, n. 5, p. 578-584, 2016, p. 581.

efêmero, passageiro, enquanto a significação permanece. Nesse sentido, o discurso escrito supera o discurso falado, pois qualquer sujeito que saiba ler tem a possibilidade de ampliar seus horizontes e suas perspectivas de enxergar o mundo. Assim, a obra, ao se desprender de seu autor, possibilita a democratização do conhecimento, transcendendo a dimensão histórica na qual foi concebida.

A segunda dialética reflete sobre as noções de apropriação e distanciamento, trazendo à tona a autonomia do texto em relação ao seu autor. O discurso escrito é autônomo no sentido de, diferentemente da hermenêutica romântica, se libertar das intenções do autor, da situação cultural, sociológica e histórica do texto e do destinatário original, não importando mais para quem o texto foi escrito ou com qual objetivo. Desse modo, o conceito de apropriação de um texto por um leitor está vinculado ao fato de tornar seu o que antes era alheio, atualizando a herança do passado. Ao fazer isso, o leitor atualiza a própria significação textual, tornando contemporâneo e próximo o que antes era distante. A distância entre um leitor e uma obra não é vista como algo inalcançável de modo negativo, mas como algo positivo justamente porque o leitor não alcança o autor e, assim, se direciona para o sentido do próprio texto.

A terceira dialética coloca a interpretação como um diálogo entre compreensão e explicação. A compreensão estará sempre ligada a um perspectivismo, visto que não se trata de revelar um único sentido contido no texto, mas de descobrir as possibilidades de projeção do ser que se manifesta diante do texto. Em se tratando da noção de explicação, Ricoeur observa que ela busca sempre a objetividade do sentido do discurso e está mais relacionada com questões metodológicas. O filósofo utiliza o estudo estrutural feito por Lévi-Strauss sobre os mitos para exemplificar um sistema de categorização que auxilia na compreensão do arranjo e da organização textual, sendo função da análise estrutural fazer a ponte entre uma semântica de superfície e uma semântica de profundidade, na qual o leitor consegue passar de uma interpretação ingênua do texto para uma interpretação mais profunda.

O mais importante não é a situação inicial do discurso, mas aquilo que, no texto, aponta para um mundo possível. É interessante observar como a análise estrutural auxilia nesse processo, no sentido de permitir que o próprio texto explicita os limites do que ele diz. Com esses limites bem explicitados, a compreensão tem um espaço seguro para acontecer — seguro no sentido de não ser levada por aquilo que não está dito no texto, simplesmente por pressuposições equivocadas do leitor em relação ao que se encontra objetivamente no discurso. Para que uma interpretação profunda possa ocorrer e, assim, permitir que o sujeito tenha a possibilidade de se atualizar por meio da leitura, é imprescindível que haja entendimento das delimitações textuais. Do contrário, qualquer discurso pode se tornar

um espelho de algo que o leitor quer dizer a qualquer custo — e, desse modo, não há leitura crítica, discernimento ou aprofundamento por parte do leitor, mas apenas um reforço cego de seus preconceitos.

Referências

ALBERTI, V. A existência na história: revelações e riscos da hermenêutica. *Estudos históricos* — Historiografia, Rio de Janeiro, v. 9, nº 17, p. 31-57, 1996. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br> Acesso em: 17/07/ 2021.

GADAMER, H.-G. *Verdade e Método I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GADAMER, H.-G. *Verdade e Método II*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GARNICA, A. V. M. Considerações sobre a fenomenologia hermenêutica de Paul Ricœur. *TRANS/FORM/AÇÃO: Revista De Filosofia Da Unesp*, 16, 43–52, 1993. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/12370> Acesso em: 05/03/2023.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Parte I. 12ª. Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVEIRA, M. A. de. *A reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.

PEGINO, P. M. F. Hermenêutica Ricœuriana e sua articulação nos estudos organizacionais. *RAE*, São Paulo, v. 56, n. 5, p. 578-584, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/64136> Acesso em: 08/12/2023.

RICŒUR, P. *A metáfora viva*. 2ª. Edição. Porto: Rés, 2005.

RICŒUR, P. *Du texte à l'action* – essais d'herméneutique II. France: Éditions du seuil, 1986.

RICŒUR, P. *Interpretação e ideologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

RICŒUR, P. La métaphore et le problème central de l'herméneutique, in *Revue Philosophique de Louvain*, v. 70, p. 93-112, 1972.

RICŒUR, P. *Tempo e narrativa 3: o tempo narrado*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICŒUR, P. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 2019.

SALLES, W. Paul Ricoeur e a hermenêutica de si no espelho das palavras. *Utopia y Praxis Latinoamericana*, Maracaibo, v. 14, n. 47, p. 41-58, 2009. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S131552162009000400004&lng=es&nrm=iso Acesso em: 10/11/2022.

TAVARES, M. Paul Ricœur e um novo conceito de interpretação: da hermenêutica dos símbolos à hermenêutica do discurso, in *Veritas*, Porto Alegre, v. 63, n. 2, maio-ago., 2018, p. 436-457. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/30078> Acesso em: 03/08/2023.